

# FRAGMENTOS DA PALAVRA COMO LUGAR: das escrituras, desleituradas e leitorias de Jorge Menna Barreto

**Galciani Neves**

Jorge Menna Barreto situa a palavra no espaço – físico, afetivo, intersticial – que a ele se mescla em múltiplos modos de ser, percebidos como o espaço da obra, o espaço do outro, o espaço do mover-se. Convivendo com esses espaços, que logo se fazem lugares, e com seus agentes, a palavra amplia-se no dentro-fora de uma razão imprecisa, sem realizar qualquer equivalência, mas constituindo margens das quais se pode largar, partir, inventar: alusividade sem fim por todos a tudo. É conjugando atitudes da palavra e extravasando suas tarefas que o artista constitui tensões entre ideia, materialidade e espacialidade que ressoam avessos, justaposições, alargamentos.

## **Preâmbulo: breve ambientação ao fazer**

Em uma trajetória que se alastra por ações artísticas, pesquisas acadêmicas, projetos educativos e experimentações críticas e curatoriais, Jorge Menna Barreto participou da Bienal de Havana (2000); do Rumos Itaú Cultural (2002); da Bienal do Mercosul (2001 e 2009); do Panorama da Arte Brasileira (2011) e expôs individualmente no Torreão em Porto Alegre (2000), no Centro Cultural São Paulo (2004), no Paço das Artes (2007) e em outras instituições e galerias. Foi membro do grupo de críticos de arte do Centro Cultural São Paulo. Coordenou o educativo do Paço das Artes. Realizou curadorias, como Sobrepostas, permeáveis e intercambiáveis (2009), de Vitor Cesar. E desde 2001 passou a atuar como professor. São práticas visuais e discursivas no campo da arte em intenso fluxo criativo de procedimentos de um *artista-etc*, como propõe Ricardo Basbaum:<sup>1</sup> seus pensamentos e ações “questionam a natureza e a função de artista”, enquanto se inscreve com maleabilidade por entre brechas no circuito, em que, traçando conexões (empáticas), engaja-se conferindo complexidade aos fazeres. Mais que combinação de perspectivas para encarar distintos projetos, revela uma espécie de imbricação de competências que se instaura nas dinâmicas entre arte e vida, provocando e também contaminando-se com as audiências, com o espaço, com as faturas em questão.

Nesse sentido, parece ser improvável (e inconsistente) apontar um eixo único e alinhavante ou mesmo um conjunto de ações autocontidas que abarque a diversidade de seus trabalhos. Assim, pretende-se abordar um recorte do percurso de Jorge Menna Barreto a partir de um olhar que vasculha contiguidades, desdobramentos que insistem por entre noções de espaço e que partilham intencionalidades que esboçam a palavra como meio, como substância, como lócus em si e no outro. O artista flexiona a palavra, enquanto provável unidade mínima da comunicação, em inquieta e permanente abertura às expectativas de seus leitores e desacordos com seus significados prévios. Essa abordagem crítica opta por

adentrar as potências da palavra em seu momento/ onde – sugestão temporária e em diálogo com a produção de Jorge, a fim de perscrutar os afetos e os deslimites entre visualidade e palavra, entre práxis artística e visual, entre arte e escritura, visto que a mobilização desses conteúdos não ousa estancar-se em oposições que regularmente ficionam tais exercícios. Adianta-se que a escritura ou o exercício da palavra do artista não é conteúdo que se articula por sua materialidade impressa, textual ou destinada unicamente à leitura, mas como uma experiência no espaço e entre-espacos, e, sim, também como silêncio, como indeterminação, como ilegibilidade.

### Dos verbetes e suas temáticas

Os títulos a seguir recorrem a palavras inventadas por Jorge Menna Barreto que constituem a obra *Desleituradas*. Essas palavras híbridas trazem um tanto de sua tarefa original: dispositivos de mediação a obras expostas no 32º Panorama da Arte Brasileira (2011) com o intuito de potencializar discursos. Atuam aqui com um pequeno deslocamento: como uma espécie de borda crítica ao trabalho do artista e como possibilidade para se desenhar uma leitura que se apropria de princípios dos quais ele próprio se valeu em processos de criação de suas obras. Os títulos aqui visualizados são constituídos como descreve Theodor Adorno:<sup>2</sup> uma espécie de território pouco definido e mais caracterizado por sua permeabilidade, que pensamentos vêm habitar para dali se dissolver novamente nas dinâmicas perceptivas de quem os acessa. E os textos que os acompanham são como pequenos verbetes de um glossário propenso a atualizações e variações que se organiza insuflado pela densidade do trabalho do artista. Aparentam para uma dupla busca: a de estabelecer-se como paisagem crítica e a de expandir em tarefa




Jorge Menna Barreto, *Concreto* (protótipo), 2012

tradutória as experiências de alguns trabalhos do artista. Além disso, traça vínculos ou, antes, “fios soltos” entre seus trabalhos, aproximando-os e conferindo atritos para além de uma trajetória cronológica, linear ou classificatória.

### espenso

Exigem-se do pensamento: uma planaridade aos limites da razão, uma atenção aos controles do aqui-agora e aos cálculos para conter-se e adequar-se como coisa, um espaço inteligível de atuação. Em *Massa*, Jorge inspira essas tensões e delas extrai uma espécie de perplexidade ativa que interroga e responde à iminência das invisualidades que agem por entre os espaços, às linhas de força que delineiam tangentes e desencontros, aos escapes, separações, vibrações e fricções entre aqueles que ocupam e constituem o espaço. *Massa* é uma ação acumulativa de diálogos com o público e com o espaço. E teve início na Bienal de Havana (2000). Da tentativa de captar a densidade dos espaços, o artista soma desde lá



095770Kg

Jorge Menna Barreto, *Massa*; Instalação apresentada na Séptima Bienal de la Habana, Centro de Arte Contemporâneo Wilfredo Lam, Cuba, 2000; na exposição coletiva *Arte: Sistemas e Redes*, dentro do Programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2001/2003 (São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza)

os pesos individuais do público das exposições em que o trabalho é apresentado. Jorge carimba cada resultado em uma sacola de papel que pode ser levada pelos participantes. E assim os pesos vão-se somando de cidade em cidade: Havana, Belo Horizonte, São Paulo e Fortaleza. Esse procedimento de religar, reunir e fazer reencontrarem-se os fatos e os atores que convivem nos espaços para além da unidade geometricamente compartimentada sustenta um caráter de acaso e de identidade oscilante, migratória e inquieta das divisões que cotidianamente se tecem entre espaço, matéria, gesto e gente. O artista sutura esses rasgos, enquanto cada um dos participantes leva um tanto desse espaço. Trata-se de um processo de construção da obra em diálogo com o espaço de exibição.

### **escrítica/desleitura**

É uma operação de dissecção para novamente recompor em outro. E o tema é, por assim dizer, a imersão para tentar fazer-se presente nas incertezas empíricas quando se pode atravessar algo e deste algo partir para outros empreendimentos. Nesse verbete, fazem-se necessários outros dois, seus agentes de ação – o *Caro feitor* e o tradutor-autor-artista –, para quem vale o esclarecimento de Octavio Paz: “o artista é o tradutor universal”. *Concreto* é outra existência de *That which joins and that which divides is one and the same*, de Ian Hamilton Finlay. A transcrição de Jorge é *Aquilo que une e aquilo que separa é uma mesma coisa só*.<sup>3</sup> Repare no final não correspondente. Cada palavra em inglês ocorre em placas de vidro montadas em tijolos de bronze em que

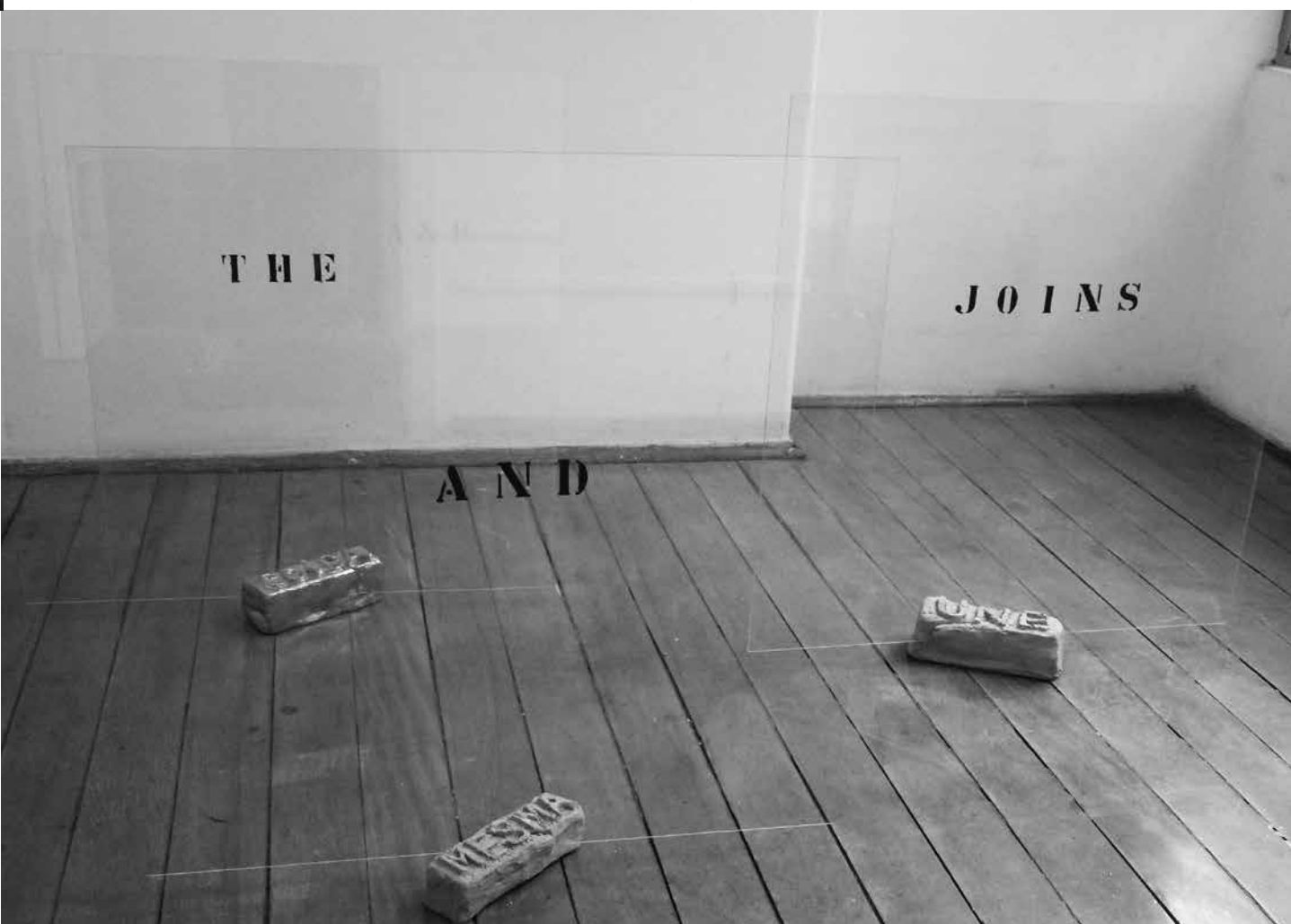
estão grafadas as palavras em português. Não há também equivalência espacial entre inglês e português. As duas frases ocorrem esfaceladas, reinventadas e subvertidas e não se restringem à ordem original. Jorge as reespecializa em outra operação tradutória que recorre aos *Cavaletes de vidro* (1968), de Lina Bo Bardi. Para o artista, “é um estilhaçamento de uma frase em palavras”, suas unidades, em uma não linearidade de sentidos. Assim, torna-se outro a partir de “uma forma atenta de ler”, como sugere Julio Plaza,<sup>4</sup> pois o tradutor-autor-artista, aqui em questão, engaja-se em um consumo de informações “produtiva” e criativamente. E tal como o ator faz-se em outros, ainda que sendo ele mesmo, o tradutor-autor-artista cria um duplo do texto, um outro. Não há

paradoxo: é metacriação, prática lúdica e lúcida, crítico-criativa, “como diálogo de signos, como um outro nas diferenças (...) como trânsito de sentidos, como transcrição de formas”.<sup>5</sup>

### **multiplicidã**

Qualidade ou efeito de transcrever-se, de repetir-se com ausências e adições. Assim, não se é o mesmo, mas um outro que de si carrega um pouco, não tudo. Um movimento ambíguo, inconstante, um tanto incoerente de fazer-se, tal como a capacidade de captar o vazio, materializar o ideal, construir o acaso. Daquilo que poderia surgir como doação, gratificação a um leitor imaginário, mas lhe sugere incongruências, complexidades,

Jorge Menna Barreto, *Concreto* (protótipo), 2012





Jorge Menna Barreto, *Belongingness*, 2003

Subtração das letras que formam a palavra “belongingness” de fotos tiradas em 2003 na cidade de Atlanta, EUA; expostas na Artspot Gallery na mesma cidade

inexatidões. Com *Belongingness* (2003), pode-se pensar como verdade o que intuía Mallarmé – que tudo existe a fim de ser livro um dia, ainda que não traga em si nada de livro.<sup>6</sup> Jorge registrou palavras em placas de rua, camisetas, *outdoors*, letreiros de lojas e em tudo que nos cega a informação. Daí, subtraiu letras que fazem parte da palavra *belongingness* que pode ser compreendida como uma necessidade humana de pertencimento. Trata-se de um processamento da palavra às avessas. Jorge desnatura as palavras, deixa lacunas em suas estruturas, buracos incontornáveis para propor um sentido não óbvio, não dado e talvez não alcançável de pertencimento. Parece mesmo um ensaio sobre as impropriedades da palavra em seu contexto, que, por vezes, se assemelha com o que leva a crer que é, satisfazendo o leitor, em um jogo de metáforas, metonímias, pis-

tas, com um instante de apaziguamento em que espécies de teoremas demonstram-se na matéria. Contrariamente, leva à superação da dependência ou equivalência da palavra enquanto legenda, formato explicativo ou interpretativo daquilo que se vê. A palavra se abre para além de seu esquema inicial, como “opacidade”, esclarece o artista, e propõe um exercício crítico de “leitabilidade” que se encontra nitidamente potencializado pela afetividade – capacidade de afetar-se e afetar.

### Postscriptum

Em uma tentativa de implicar-se com as vontades e espessuras dos contextos de ação e criação de Jorge Menna Barreto, é mesmo possível questionar, assim como Barthes:<sup>7</sup> “Quem fala? Quem escreve? Falta-nos ainda uma sociologia da palavra.” E



Jorge Menna Barreto, *Belongingness*, 2003

Subtração das letras que formam a palavra "belongingness" de fotos tiradas em 2003 na cidade de Atlanta, EUA; expostas na Artspot Gallery na mesma cidade

dessa inquietude que atravessa algumas das experiências poéticas do artista, pode-se pensar: a palavra para Jorge não é bem um instrumento, nem veículo, mas quem sabe uma espécie de presentificação no mundo que não é apenas o seu pretexto: ali e aqui, onde a palavra ocorre e se altera na frase do outro, onde as percepções acontecem e ressoam no espaço, é onde habitam suas obras em arritmias e porosidades com o público. O que o artista dá a quem lê não é um sentido, mas uma infidelidade ou uma "infixibilidade", um propósito de continuidade, de *leitoria* – leitura e autoria.

## NOTAS

1 Basbaum, Ricardo. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013: 67.

2 Adorno, Theodor W. *Notas de Literatura I.* São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

3 Barreto, Jorge Menna. *Exercícios de Leitoria.* Tese de doutorado defendida na USP. 2012.

4 Plaza, Julio. *Tradução intersemiótica.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

5 Plaza, op. cit.: 209.

6 <http://jorgemennabarreto.blogspot.com.br/>. Último acesso: 24/01/2014.

7 Barthes, Roland. *Crítica e verdade.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1982: 31.

**Galciani Neves** é curadora e professora. Possui mestrado e doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP.